SERIA A EDUCAÇÃO UM CASULO?

IS EDUCATION A COCOON?

DOI: 10.18616/lendu.v9i1.9568

Diego Monsani[1]
diego.monsani@ifc.edu.br
Demerva Haidée Dias Moreira[2]
professorahaideemoreira@gmail.com
Gladir da Silva Cabral[3]
gla@unesc.net

RESUMO:

Partindo do princípio de que a experiência docente é inseparável de sua existência enquanto sujeito imerso em um tecido social, pretende-se a partir deste ensaio traçar e analisar a experiência docente do personagem Dom Gregório, na película *La lengua de las mariposas*, dirigida por José Luis Cuerda Martínez, baseado em um conto homônimo de Manuel Rivas Barrós. Para reflexão, pensa-se na experiência a partir da perspectiva de Larrosa (2018), para quem a experiência é entendida como a relação do sujeito com o mundo que o cerca. Essa experiência acontece e transforma docente e discente na relação no tempo e no espaço. Nesta análise, busca-se principalmente um olhar sobre a artesania contida nessas experiências narrativas, buscando aproximar tais práticas do que Larrosa chama de professor-artesão, aquele que exerce seu ofício como quem ouve um chamado do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Professor-Artesão; Experiência; Cinema.

ABSTRACT:

Assuming that the teaching experience is inseparable from his existence as a subject immersed in a social fabric, this essay intends to trace and analyze the teaching experience of the characters Dom Gregório, in the film *La lengua de las mariposas*, directed by José Luis Cuerda Martínez based on a short story of the same name by Manuel Rivas Barrós. In order to reflect on the work, we think about the experience from the perspective of Larrosa (2018), where this experience is understood as the subject's relationship with the world that surrounds him. This experience is an event that transforms the teacher and the student in this relationship in a time and space. This analysis mainly seeks to look at the craftsmanship contained

[1] Doutorando em Educação pela UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense). Bibliotecário do IFC - Sombrio (Instituto Federal Catarinense - Campus Sombrio).
[2] Doutoranda em Educação pela UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense). Coordenadora Pedagógica Educação Infantil (SMECT - Prefeitura Municipal de Içara)
[3] Doutor em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Docente do curso de Letras da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense).

in these narrative experiences, seeking to bring these practices closer to what Larrosa came to call a teacher-craftsman, someone who exercises his craft as someone who hears a call from the world.

KEYWORDS: Teacher as a Craftsman; Experience; Cinema.

É inegável que as montagens cinematográficas podem ser encaradas como uma fonte de estudo das representações que são colocadas em tela. Quando a equipe artística decide representar relações, profissões e condições sociais, fornece um rico material para análise, pois, além de apresentar a visão que a equipe possui sobre esses assuntos, as peças cinematográficas acabam por influenciar seus espectadores, provocando um impacto social e cultural. Conforme apontam Berti e Carvalho (2013), podemos observar o cinema como um espaço de alteridade, o que permite que estabeleçamos relação com aquilo que vemos em tela e que nos afasta da certeza confortável do que nos define a identidade. Temos relação com todo aquele que é o outro, e o outro é aquilo tudo que não sou, conforme as autoras: "[...] é a própria diferença encarnada que desterritorializa, territorializa e reterritorializa" (Berti; Carvalho, 2013, p. 185).

Diante desses pressupostos e admitindo que a experiência docente é inseparável de sua existência enquanto sujeito imerso em um tecido social, este ensaio tem por objetivo salientar percepções sobre a representação de docência apresentada na película *La lengua de las mariposas* (A língua das borboletas no Brasil). A representação elencada é uma mistura da visão do diretor, da equipe artística e até mesmo do autor dos contos nos quais a narrativa do filme foi inspirada, pois como aponta Walter Benjamin: "A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação [...] se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso" (1987, p. 205), embora se deva reconhecer aqui que Benjamin está tratando propriamente da contação oral de histórias e não do cinema. Então, retomando a ideia de Berti e Carvalho (2013), ao olharmos a representação desse fazer docente podemos ver um sujeito imerso em outra realidade social e temporalmente, o que por si só torna essa experiência estética única e afastada do fazer docente atual.

Conforme Geraldi,

> [...] a identidade profissional do professor ao longo da história se construiu, essencialmente, pela sua relação com o conhecimento. Em outras palavras, estou querendo dizer que a relação com o conhecimento, mais do que a própria relação pedagógica, isto é, a relação com os aprendentes, desenhou diferentes perfis profissionais cuja sequência constitui a história de nossa profissão. (2010, p. 82)

Geraldi argumenta que a relação existente entre o professor, o aluno e o conhecimento é triádica, ou seja, a proposta pedagógica adotada definirá a ênfase ora em um, ora em outro desses três pólos. Tal afirmação vem ao encontro das concepções de educação, que para efeito deste ensaio podemos focar principalmente no que se convencionou chamar de concepção tradicional e concepção de teorias críticas. Quando se adota uma concepção tradicional, o papel do professor é de transmitir os ensinamentos, ou seja, ele é o detentor de todo o conhecimento, enquanto ao aluno cabe apenas receber as informações. Os preceitos educacionais na concepção tradicional muito se assemelham aos estabelecidos para o mercado de trabalho industrial. Conforme Tomaz Tadeu da Silva, a escola seria "capaz de especificar precisamente que resultados pretendia obter, que pudesse estabelecer métodos para obtê-los de forma precisa e formas de mensuração que permitissem saber com precisão se eles foram realmente alcançados" (2016, p. 8). Nessa concepção, já estão definidos de antemão quais são os saberes objetivos que pretende-se alcançar e que são muito mais importantes e centrais do que qualquer percepção ou experiência subjetiva que os sujeitos possam ter, que por sua vez têm uma postura passiva em relação ao processo de ensino e aprendizagem.

Em contrapartida, as concepções teóricas críticas colocam em cheque essa passividade, apontando-a como uma das características que possibilitam a reprodutibilidade dos arranjos sociais. Na concepção crítica, o fazer tradicional coloca a escola como um dos atores na propagação das desigualdades e das injustiças sociais (Silva, 2016). Na visão das teorias críticas, a escola deve promover questionamentos e transformação social. Nessa concepção, o professor é visto como facilitador, agente de transformação social, corroborando para que o aluno torne-se um cidadão crítico, protagonista do seu aprendizado. O processo de aprendizagem é construído em conjunto, ocorre o diálogo entre as partes envolvidas, o que permite acessar os conhecimentos já estabelecidos em conjunto, problematizando as vivências com base nas experiências dos envolvidos.

Quando pensamos na representação docente retratada em *La lengua de las mariposas*, podemos depreender, ao analisar a relação docente e discente no filme, que há um vínculo de reciprocidade, pela qual o professor estimula a curiosidade por meio do contato com a natureza, desenvolvendo a reflexão que leva à criticidade, indo além da abordagem tradicional que coloca o professor como o que detém o conhecimento e transformando o aluno em um receptor passivo. Dessa forma, na abordagem do filme consegue-se identificar, na figura do professor, que suas práticas pedagógicas permeiam-se nas concepções teóricas críticas.

Para melhor situar o leitor, é preciso apresentar brevemente o filme e seu enredo. O filme de origem espanhola é dirigido por José Luis Cuerda Martínez, que participou de sua produção juntamente com Fernando Bovaira. O drama teve sua estreia nos cinemas em 1999 e foi premiado com o Goya Awards por melhor roteiro adaptado, uma vez que a película é um amálgama de três contos do autor galês Manuel Rivas intitulados: "A língua das borboletas", "Carmiña" e "Um saxofone na névoa". Para fins de análise, vamos nos centrar principalmente no núcleo de personagens que tiveram sua inspiração retirada do conto homônimo do filme.

A trama acompanha o jovem Moncho, de apelido Pardal, que vive na Galícia em meados de 1930 e está prestes a ingressar na escola, momento que o aterroriza por todos os relatos que ouve de castigos físicos e o autoritarismo que imperavam naquele período da Espanha. O terror era tão grande que o jovem chega a confessar que gostaria de imigrar para a América, para fugir do conflito, tal qual seu tio fizera para fugir da guerra contra o Marrocos, anos antes. Esse medo acaba por se traduzir em um momento fatídico em que, por timidez e horror, Moncho acaba por se urinar diante da sala toda e dispara em fuga da escola, sendo encontrado na madrugada do mesmo dia. O que poderia ser o primeiro acontecimento de uma sucessão de traumas na vida desse jovem acaba por se tornar o nascimento de uma bela relação entre ele e seu professor, de nome Dom Gregório, que no dia seguinte o acolhe com imensa compaixão e humildade, permitindo a Moncho desmistificar seus pré-conceitos sobre o ambiente escolar, e é a partir desse preâmbulo que somos apresentados ao cotidiano das aulas de Dom Gregório.

Essa representação docente mostra um profissional chegando aos anos finais de sua carreira, e apesar de ser um sujeito de idade, possui ideais que quebram com as expectativas vigentes na sociedade representada no filme. Como dito anteriormente, a escola no período da narrativa seguia um modelo tradicional de ensino, com classe formada exclusivamente de meninos e uma estruturação "bancária" de ensino, para usar os termos freireanos, porém Dom Gregório possui uma visão libertária que causa estranheza aos pais dos discentes. Essa estranheza também é demonstrada por outros conflitos que atravessam o filme, considerando a temporalidade em que a história se localiza, o pequeno povoado é transpassado pelas oscilações que precedem a guerra civil, que eclodiria futuramente na Espanha. Dom Gregório, refletindo seus ideais libertários, faz parte do grupo dos republicanos, sendo esse mais um ponto de cisão entre ele e alguns pais conservadores.

Na construção desse personagem, podemos ver as marcas do pensamento de Manuel Rivas (2004), pois o poeta defende que, por mais pessimista que o escritor possa ser,

sua caneta é como um ponto de luz na escuridão, e a escrita é a tocha que conduz a esperança. E é emblemático que esse papel seja relegado a um professor que, em seu conto, foi e é responsável pela formação de boa parte da população do pequeno vilarejo. Na concepção do autor, tal ofício é um dos que possuem maior potencial para transmitir a chama da esperança e da liberdade, mesmo em contextos de pouca esperança.

Os princípios do professor ficam claros em uma bela cena do filme, próximo à metade do enredo e com todos bem habituados ao comportamento do professor. Ele se encontra com o olhar perdido na paisagem que observa pela janela, clara e iluminada em contraste com a escuridão da sala. Nesse momento Dom Gregório informa aos alunos que, com a proximidade da primavera, as aulas ocorreriam também na parte externa da escola, e pergunta a eles se gostam da natureza, tendo como resposta um gesto conjunto de dar de ombros. Dom Gregório, então, inicia o diálogo que dá título ao filme: "Certo, vocês nunca sequer notaram a natureza, meus amigos, é o espetáculo mais surpreendente que o homem pode presenciar. [...] Vocês sabiam que as mariposas têm línguas? É como a tromba de um elefante, mas muito fina e enrolada como uma mola de relógio" (*A língua*… 1999, 33:41 min). No corte seguinte, com esse núcleo de personagens, que deixa presumir que houve uma passagem de dias, a turma encontra-se passeando em meio a um campo, onde o docente retoma as lições sobre o inseto e sua espirotromba, mas não se prende a isso, com a curiosidade aguçada os jovens questionam sobre o que é o néctar das flores e como ocorre a polinização das plantas. Freire (1996) aponta que o bom mestre maneja e estimula a curiosidade, tanto dele quanto do aluno, para servir de combustível para o processo de ensino, atitude incorporada ao personagem de Dom Gregório, que tem esse mote como filosofia de vida.

Na cena relatada, observamos o docente construindo o necessário para o experienciar. Larrosa (2011) define a experiência como "isso que nos passa" ou "isso que me passa". De acordo com o autor, o conceito de experiência pode ser entendido como uma relação com o mundo em que estamos imersos, ela é vista como algo que compõe e forma uma vida. Essa experiência passa a fazer parte do corpo dos participantes, ela é escrita na carne. Não se estuda a experiência, escreve-se e estuda-se a partir da experiência, assim como no exercício da docência não se transfere conhecimento, criam-se possibilidades para sua produção ou construção. Para que ocorra a experiência, no entendimento de Larrosa, é necessário que ocorra um momento de alteridade, que seria o "isso" do seu conceito, que impacte profundamente a subjetividade do sujeito discente, que o abale e o modifique dali em diante, pois cada pessoa vivencia e experimenta o mundo de forma única. Essa é uma das razões pela qual não é possível

apenas reproduzir um mesmo material didático para todas as classes, como se os sujeitos fossem seres idênticos e homogeneizados, pois cada um será movido de modo diferente à experiência criada, atribuindo assim seus significados, sendo estas vivências fundamentais para o processo de aprendizado. Podemos entender a experiência como esse momento em que o docente articula muitas vezes um artefato estético, para mobilizar a subjetividade do aluno, podendo ser através de um texto, uma paisagem, uma pintura, diferentes recursos que propiciem ao aluno essa "viagem", e o faz não com o intuito de transmitir um conhecimento seu para os demais, e sim mostrando uma possibilidade de abertura ou de escuta para aquela obra, que poderá ser significativa aos envolvidos. Se levarmos em consideração para reflexão um texto literário, essa obra pode ser uma experiência quando a leitura feita pelo professor e as leituras feitas pelos alunos são colocadas lado a lado, em que o professor permita que sua inquietação seja apresentada aos alunos e dê ouvido às inquietações que surjam de sua turma, debatendo as diferentes aberturas que despontem a partir do texto. O texto literário é um bom exemplo, pois estamos habituados a aceitar que ele impactará de forma singular cada leitor. E quando o texto é esse instrumento de alteridade que passa pelo leitor, que permite que ele inicie a viagem da leitura de uma forma e termine não sendo mais o mesmo, mas seja impactado em seu cerne, não apenas tendo adicionado um conhecimento, mas realizado isso enquanto teve suas certezas perante o mundo abaladas, então pode-se entender que a leitura foi uma experiência.

Dessa forma, levando em conta o relato da cena anterior, Dom Gregório faz de sua classe uma experiência, utiliza de diferentes abordagens – em um momento aula expositiva e em outro saída de campo – para capturar a atenção dos jovens, utilizando sua curiosidade como combustível e permitindo que o processo se desenrole de uma forma que as conexões entre os conhecimentos sejam mediadas e formadas em conjunto. O professor artesão está presente, é um sujeito conectado com o corpo singular, tem na arte a sua aliada, ela é a sua ferramenta de trabalho, pois por meio dela é possível produzir e criar experiências, ele cria situações de aprendizagem, oferecendo coisas que façam sentido. Dominando a categoria do ser, não vê em sua profissão uma ocupação ou emprego, mas sim um modo de vida, ama o seu ofício e, sendo assim, oferece algo ao outro, se conecta diariamente para que não se torne um processo de alienação. Como Moncho viria a definir mais a frente, ele se vê transformado e "sabendo pela primeira vez coisas que seus pais não sabiam" (Rivas, 2000, p. 3). Essa forma de conduzir o encontro entre o docente e o discente também pode ser relacionado ao que Geraldi chama de aula como acontecimento, que seria "eleger o fluxo do movimento como inspiração, rejeitando a permanência do mesmo e a fixidez mórbida no passado" (2010, p. 100). Ou seja, eleger os

acontecimentos e vivências do grupo para formular perguntas que permitam ao docente e ao conjunto de alunos buscarem, dentro das heranças culturais, diversas respostas que precisam ser construídas, produzindo conhecimentos que articulem esses diferentes conhecimentos disponíveis.

A dimensão da aula como experiência e do docente como mediador da esperança, presentes na narrativa da obra, nos permite trazer a análise para a nossa contemporaneidade para refletir sobre a crise climática que nos abala e o papel da educação neste momento. É possível pensar que, se Dom Gregório aqui estivesse, partilharia da visão de Enrique Leff (2011) sobre a necessidade de pensar uma pedagogia da esperança e da defesa, que a educação ambiental é um campo profícuo para praticá-la. Leff defende que "a escola deve constituir-se como um laboratório do novo conhecimento, para aprender a formular desejos de possíveis futuros e, ao realizá-los, a forjar uma ética da alteridade [...]" (2011, p. 102, tradução nossa)[4]. Aqui podemos traçar um pequeno paralelo de esperança entre a afirmação de Leff com uma colocação presente na película, pois Dom Gregório defendia que, se conseguisse fazer uma geração crescer livre na Espanha, ninguém roubaria isso dela. Podemos também crer que, se a escola cumprir esse papel de ser um espaço promotor da esperança, e uma geração consiga crescer sonhando com um futuro possível, onde seja capaz de desconstruir a ideia de desenvolvimentismo científico e econômico, voltado para exploração da natureza como um único caminho possível, teremos possibilidades de um futuro sustentável, fugindo da eminente crise climática que ameaça tornar insustentável a vida nas próximas gerações. E apesar de as preocupações com um futuro sustentável não serem verbalizadas na obra, essa conexão pode ser feita, tendo em vista que podemos observar no fazer docente e nos momentos extraclasse que se dão por passeios pelas matas junto a Moncho, para observação de borboletas e pássaros, também cultivando pomares que seus companheiros socializam consigo.

A obra ainda faz diversas referências a seres que possuem asas, a borboleta do título, o tilonorrinco das lições e o próprio apelido Pardal, provavelmente em alusão à ideia associada a voo e liberdade, liberdade esta que dará asas aos alunos para que voem e se libertem do modelo de educação tradicional, autoritário que imperava na época, ou seja, uma educação que os leve a alçar voos, e este modelo faz ainda oposição ao futuro autoritarismo que assombrava o país.

[4] "*La escuela debe constituirse en laboratorio del nuevo pensamiento, para aprender a formular deseos de posibles y a realizarlos, a forjar una ética de la otredad [...]"* (Leff, 2011, p. 102).

Vale ressaltar que não existirá liberdade ou um céu saudável para os seres voarem, se o futuro for comprometido pela exploração da natureza.

O filme analisado ainda nos permite inferir que o ofício do docente é associado à dimensão social da formação humana. Dom Gregório pode se aproximar do que Larrosa (2018) vem chamar de professor-artesão, ou seja, aquele que exerce seu ofício como quem ouve um chamado do mundo, que atua com o amor ao seu fazer, buscando executar suas lições da melhor forma possível, não para exibir o quanto sabe, mas pelo prazer de ver em seus alunos a alegria e curiosidade de se depararem com o novo, com as descobertas.

O professor-artesão Dom Gregório compartilha a visão de que é preciso acreditar que os alunos passam por transformações sociais; assim como simbolizam as borboletas, ele crê que a educação é um dos meios para se atingir tal liberdade. As falas de Dom Gregório são voltadas ao desejo de liberdade. Num encontro com o padre, este lhe diz que Moncho, ao ingressar na escola, havia perdido o interesse pelas coisas da igreja. Então Dom Gregório fala "que a liberdade estimula o espírito dos homens fortes" (*A língua…* 1999, 19:01 min). O simbolismo da borboleta no título da obra nos permite refletir tais coisas – a borboleta é um inseto que necessita passar por um período de metamorfose para que possa atingir a liberdade de seu voo errático. Na obra, as aulas de Dom Gregório cumprem esse papel. Suas aulas sempre iniciavam com a leitura de poemas e narrativas, e o mestre conduzia suas lições sempre prezando pela autonomia do pensamento das crianças. Em determinada cena, ele e Moncho discutem sobre a existência ou não do inferno. Dom Gregório em momento algum impõe sua visão de mundo ao garoto, mas o conduz por meio de questionamentos, estimulando o pensamento crítico do seu jovem aprendiz.

Entretanto, todas essas práticas libertárias custam a liberdade de Dom Gregório. Na cena final do filme, ele é visto atordoado saindo de uma sala escura para ser hostilizado em praça pública. Com a chegada da guerra, o professor é aprisionado com os demais republicanos da vila e é conduzido a um caminhão com os demais para um final incerto, e nada misericordioso. Nesse percurso, os prisioneiros seguem sendo xingados e rechaçados pela população da vila. Segundo a orientação da mãe, Moncho se vê compelido a também insultar seu antigo professor e manifestar gritos agressivos de "traidor" junto aos demais. No entanto, as últimas palavras que grita são: tilonorrinco e espirotromba, palavras significativas que havia aprendido com o velho mestre. Ao mencionar essas últimas palavras, demonstra que as lições e as experiências compartilhadas com o professor haviam atingido seu âmago, transformando-o. É uma forma codificada de dizer-lhe que suas lições sobre liberdade o acompanhariam pelo

resto da vida, permitindo, assim, florescer uma esperança com essa nova geração que Dom Gregório estava formando.

Ao assistir cenas como essas, é inevitável pensar sobre os processos recentes de embates sobre a figura do professor. Geraldi (2010) recupera que até meados do século XX o professor ainda era amplamente visto como uma figura social que detinha o saber formulado por outros e que era consultado sobre diversos assuntos e respeitado por esse saber. Porém, com o avanço das políticas neoliberais e as constantes tentativas de transformar o docente em apenas alguém que aplica uma série de técnicas de controle da sala de aula, esse panorama abre margem para diversos ataques à figura do professor. É importante ressaltar que a hostilização ao profissional docente não é algo relegado ao passado ou às obras de ficção; no Brasil, nas últimas décadas, o professor tem sido questionado constantemente e perseguido pela extrema direita, principalmente sob a acusação de que suas aulas estão repletas de "doutrinação", imputação utilizada para definir qualquer conteúdo que não seja alinhado à visão de mundo conservadora dos censores. Perseguições, disque-denúncias e assédio jurídico fazem parte do arsenal utilizado para hostilizar os docentes e esse é um fenômeno indissociável do aumento da violência perpetrada no espaço educacional, uma vez que esses movimentos fazem uso de discursos inflamados e cheios de ódio. Conforme o relatório, ataques de violência extrema em escolas no Brasil, ocorreu um aumento de 58% no número de ataques nos anos de 2022 e 2023 em comparação às últimas duas décadas. O grupo de pesquisa que construiu o relatório, coordenado por Telma Vinha, ainda aponta que "[e]ssas ameaças e perseguições criaram um clima de medo e insegurança, e inúmeras instituições de ensino passaram a evitar discutir temas atuais emergentes e questões políticas, filosóficas, sociológicas e históricas" (Vinha *et al.*, 2023).

Apesar do final trágico da obra, como dito anteriormente, os autores em diversas partes fazem referência aos seres providos de asas e liberdade, o que reflete sua visão sobre o papel da educação e do docente na sociedade. Também não podemos dispensar a associação entre a espirotromba das borboletas e a sede por conhecimento que o professor-artesão visa partilhar com seus discentes. Refletindo ainda sobre a ordem dos lepidópteros, não podemos descartar uma importante parte de seu desenvolvimento em que as lagartas se recolhem em pupas e são cobertas por um casulo para sua posterior transformação. Sendo assim, podemos retomar o título de nosso ensaio brevemente para responder que, sim, podemos considerar a educação um casulo que de certa forma acolhe o sujeito em um ambiente seguro, permitindo que ele se nutra e use do tempo necessário para que ocorra a transformação que o torna um

sujeito liberto e crítico através do conhecimento do mundo. Sanches observa que o professor é construtor de identidades humanas (2019 p. 23). Ele não é o único, mas contribui efetivamente para isso. As marcas que deixa nesse processo vão se materializar para o restante da vida do outro. Então, o papel do professor torna-se fundamental nesse processo de transformação que torna os sujeitos libertos. Sanches afinal questiona: "[...] qual é sentido do nosso ofício se não for na relação com as outras pessoas? Por isso, o papel da escola é ser o lugar de afetos, de sonhos, de descobertas e de construção coletiva" (2019 p. 56).

Por fim, quando analisamos a figura docente retratada na obra cinematográfica podemos apontar que a obra faz uma representação esperançosa do ofício do professor – o mestre é alguém que preza pela autonomia do pensamento do aluno, que estimula sua curiosidade epistemológica bem como a experiência permeada pelo conhecimento, que não é autoritário, pois não resolve os conflitos ao se impor. No entanto, ele não é licencioso, pois atua como mediador quando ocorrem conflitos em sala de aula. Esse docente é um bom exemplo do professor-artesão, que revela o seu amor pelo fazer durante os encontros com seus alunos, levando em seu arsenal sempre experiências estéticas para usufruto de seus tutorados, carregando o ideal de ser um professor que constrói experiências que marcam o sujeito para sempre, sendo aquele professor cujo nome, em nossa fase madura, ainda recordamos com carinho. Essa característica é reforçada quando lembramos que o conto de Manuel Rivas é escrito como uma recordação de Moncho sobre seu antigo mestre. Levando em conta o contexto histórico que circunda a obra, essas características de docência são indissociáveis da visão de que a educação é uma ferramenta para a transformação social, que ela isolada não é a solução, porém é o caminho para a esperança da mudança e da construção de uma sociedade igualitária. Em suma, a ideia de docente, para esses autores, é permeada pelo amor, o amor ao ofício, o amor ao conhecimento e o amor pela prática.

REFERÊNCIAS

A LÍNGUA das mariposas. Direção: José Luis Cuerda. Produzido por Fernando Bovaira. Espanha, 97 min. Som, cor. 1999.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas:** magia e técnica, arte e política. 3. ed. Brasília: Brasiliense, 1987.

BERTI, Andreza; CARVALHO, Rosa Malena. O cine debate promovendo encontros do cinema com a escola. **Pro-posições.** v. 24, n. 2, p. 183-199, set./dez. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. In: GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento.** São Carlos: Pedro & João, 2010. p. 81-101.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade na educação. **Rev. Reflexão e ação,** Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê sobre o ofício de professor.** Belo Horizonte: Autêntica, 2018. *E-book*. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788551304150/. Acesso em: 20 set. 2024.

LEFF, Enrique. La esperanza de un futuro sustentable: utopía de la educación ambiental. **Transatlântica de Educação**, v. 9, p. 93-104, dec. 2011.

RIVAS, Manuel. As metáforas do mundo de Manuel Rivas. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, Caderno 3, 6 set. 2004.

RIVAS, M. La lengua de las mariposas. In: RIVAS, M. **Qué me quieres, amor?** Madrid: Suma de Letras, 2000.

SANCHES, Emilia Cipriano. **Saberes e afetos do ser professor.** São Paulo: Cortez, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. São Paulo: Autêntica, 2016. *E-book*. Disponível em: https://plataforma.bvirtual.com.br Acesso em: 9 jan. 2025.

VINHAS, Telma *et al.* **Ataques de violência extrema em escolas no Brasil:** causas e caminhos. São Paulo: D3d, 2023. Disponível em: https://d3e.com.br/wp-content/uploads/relatorio_2311_ataques-escolas-brasil.pdf Acesso em 16 jan. 2025.